

PRIMEIRA PARTE

O VELHO PIRATA

1 — O VELHO LOBO-DO-MAR NA ESTALAGEM
«ALMIRANTE BENBOW»

O fidalgo Sr. Trelawney, o Dr. Livesey e os outros cavaleiros pediram-me que registasse, preto no branco, todos os pormenores a respeito da Ilha do Tesouro, tudo de cabo a rabo, omitindo, porém, os elementos relativos à situação geográfica da ilha, porque permanece lá, ainda, uma parte do tesouro que ficou por desenterrar. Por isso, no ano da graça de 17..., peguei na pena e recuei no tempo até à altura em que, estando o meu pai à frente da estalagem do «Almirante Benbow», se foi instalar debaixo do nosso tecto o velho marinheiro que, no rosto curtido pelo sol, ostentava a cicatriz duma sabrada.

Recordo, como se fosse ontem, a maneira como se arrastou, lenta e penosamente, para a porta da estalagem, seguido da arca de marinheiro, que vinha num carrinho de mão. Alto, forte, pesadão, pele acastanhada, o rabicho do cabelo negro e pegajoso caía-lhe nos ombros de um casaco azul porquíssimo. Tinha as mãos calosas e cheias de cicatrizes, as unhas pretas e rachadas. O gilvaz que lhe atravessava uma das faces, era de um branco lívido e sujo. Lembro-me do modo como se pôs a observar a enseada em redor, e como,

ao fazê-lo, assobiou para si mesmo. De súbito, irrompeu naquela velha canção do mar, que tantas vezes cantaria daí em diante:

*Quinze homens empilhados na mala do morto,
Iou-ou-ou e uma garrafa de rum!*

A sua voz aguda e rachada de velho, dir-se-ia ter sido afinada ao diapasão rangente das barras do cabrestante. Então, com um bordão que lhe servia de arrimo, bateu nervosamente à porta. Quando o meu pai apareceu, pediu, com maus modos, um copo de rum. Este foi-lhe trazido, ali mesmo. E, de pé, sorveu o seu conteúdo lentamente, como um conhecedor, atardando-se a saboreá-lo, enquanto olhava em redor de si, em direcção aos rochedos e para a nossa tabuleta.

— Enseada jeitosa! — exclamou, por fim. — Taberna belamente situada! Muita clientela por aqui, ó camarada?

O meu pai disse-lhe que não. Que a clientela era muito pouca, o que era de lamentar.

— Então, tanto melhor! — retorquiu. — Eis o ninho que me serve! Vem cá, ó moço! — berrou para o homem que trouxera o carrinho de mão. — Vem cá acima descarregar a arca! Acho que me vou instalar aqui uma temporada — continuou. — Sou um tipo pouco exigente. Rum e ovos com presunto, é quanto me basta. Bom!, e ali também aquele miradouro, donde poderei ver os navios a passar ao largo... Como é que vocês me hão-de chamar? Podem chamar-me capitão! Ah!... Estou mesmo a ver o que é que vos preocupa!... Aí está!

E arremessou para a soleira da porta três ou quatro moedas de ouro.

— Quando tiver comido e bebido isso, avisem-me! — exclamou com a arrogância de um comandante.

Na verdade, embora as suas roupas metessem nojo, estava longe de parecer um vulgar tripulante, desses que labu-

tam no convés. Parecia mais um imediato ou capitão, habituado a ser obedecido e a apavorar subordinados. O homem que transportara o carrinho de mão contou que a mala-posta deixara, da parte da manhã, aquele marinheiro em frente ao «Royal George», que ele perguntara quais eram as estalagens que havia ao longo da costa, e que, tendo ouvido as melhores referências da nossa, a qual, segundo suponho, lhe foi descrita como solitária, a preferira, entre todas, para lugar de residência. E isto foi tudo quanto pudemos saber a respeito do nosso hóspede.

Este era um fulano habitualmente calado. Passava o dia inteiro a deambular pela enseada, a trepar aos rochedos com o seu telescópio de latão. À noite, sentava-se a um canto da sala próximo da lareira, bebendo rum fortíssimo, quase sem mistura de água. Se lhe dirigiam a palavra, o mais certo era nem se dignar responder. Fulminava o interlocutor com súbito olhar de desprezo, e o nariz soprava-lhe como fole de ferreiro. Assim, tanto eu como os frequentadores da estalagem, acostumámo-nos a deixá-lo em paz. Todos os dias, após o regresso do passeio habitual, perguntava se não teríamos visto passar pela estrada homens com aspecto de embarcações. Julgámos, a princípio, que era o desejo de vir à fala com marítimos como ele que o levava a tal interrogatório. Descobrimos, porém, mais tarde, que pretendia apenas evitá-los. Quando acontecia algum marujo arribar à nossa estalagem, o que se dava às vezes (pois a estrada da costa era um dos caminhos que conduzia a Bristol), punha-se a observá-lo à socapa através das cortinas da porta, antes de entrar na sala. Então, enquanto o estranho estivesse presente, mantinha-se caladinho como um rato. Todavia, a certa altura, a atitude dele deixou de constituir um mistério — pelo menos para mim, uma vez que passei, de certa maneira, a partilhar dos seus terrores. Um dia, chamou-me à parte e prometeu que me daria no primeiro de cada mês uma moeda de prata de quatro dinheiros se eu

conservasse os meus olhos bem abertos, e o avisasse da aproximação de qualquer marinheiro que tivesse uma perna só. Tal facto dever-lhe-ia ser comunicado imediatamente. Acontecia, porém, muita vez, que no dia um, quando lhe pedia o salário, me pulverizava com os olhos, e o nariz roncava-lhe de fúria. Contudo, antes que a semana acabasse, pensando melhor, vinha entregar-me a moeda de quatro dinheiros. Repetia, então, as ordens formais de estar atento ao «marinheiro da perna só».

Acho que nem vale a pena dizer-vos como tal personagem me povoava os sonhos. Era nas noites de tempestade, quando o vento fazia estremecer os quatro cantos da casa e a ressaca bramia na enseada e nos rochedos, que ele costumava surgir-me revestido dos mais diferentes aspectos, de milhares de expressões diabólicas. E a perna tanto me aparecia cortada pelo joelho como pelo quadril. Às vezes surgia-me como um ser monstruoso que nunca tivera senão uma perna, colocada a meio do corpo. Constituía para mim o mais pavoroso dos pesadelos vê-lo saltar, correr e perseguir-me por trancos e barrancos. Ah! o salário mensal de quatro dinheiros saía-me caro, pois tinha de enfrentar as visões mais abomináveis.

Todavia, ainda que vivesse no pavor do homem da perna só, eu era, e de longe, quem menos receava o capitão. Havia noites em que este emborcava mais rum do que a cabeça lhe poderia aguentar. Então, sem ligar a mínima importância a quem estivesse presente, desatava a cantar velhas canções de marinheiros, selvagens e ferozes. Às vezes, dava-lhe para oferecer bebidas a toda a gente, obrigando os circunstantes, que tremiam como varas verdes, a ouvir as histórias que contava ou a acompanhá-lo em coro. E a casa estremecia, com frequência, ao som do estribilho:

Iou-ou-ou, e uma garrafa de rum!

Todos o acompanhavam em coro, para salvar a vida. O pavor da morte paralisava os presentes, e, assim, cada qual cantava mais alto que o vizinho, a fim de não chamar as atenções sobre si. Quando lhe davam estas fúrias, era o fulano mais cruel que imaginar se pode! Impunha silêncio dando punhadas na mesa, e, a qualquer pergunta, explodia numa chama de raiva. Porém, se acaso não se atreviam a interrogá-lo, a reacção era idêntica. Considerava o facto como demonstrativo de não estarem a prestar a devida atenção ao que contava. Além disso, não permitia que ninguém abandonasse a taberna enquanto não estivesse perdido de bêbedo, e, atordoado pelo sono, caísse como chumbo na cama.

O que mais aterrorizava os circunstantes eram as histórias que contava — histórias pavorosas de enforcamentos; de pessoas que obrigavam a caminhar, de mãos atadas e olhos vendados, numa prancha suspensa sobre o mar, onde acabavam por cair; de tempestades e selvajarias perpetradas nas Caraíbas e noutras paragens sinistras. A dar crédito ao que narrava, não havia dúvida que devia ter convivido com a gente mais cruel que até então sulcara os oceanos. A própria linguagem que empregava infundia quase tanto horror à gente simplória da região como os crimes que descrevia. O meu pai repetia, constantemente, que em breve a estalagem teria de abrir falência, pois não tardaria muito que os clientes não pusessem lá mais os pés. Verdade, verdadinha, saíam da estalagem para a cama perfeitamente arrasados, oprimidos, com os dentes a chocalhar. Todavia, quando lembro o que se passou, acho que a presença dele até nos era benéfica. É claro que, no momento, as pessoas ficavam aterrorizadas, mas, ao evocarem o que se passara, auferiam um certo prazer. Naquela pachorrenta vida provinciana, aquilo era terrivelmente excitante. Alguns jovens chegavam a afirmar que o admiravam. Chamavam-lhe «verdadeiro lobo-do-mar», ou «autêntico marujo da velha guarda», e ou-